

## Rascunhos Joaninos: Breve Comentário a João 1

Oswaldo Luiz Ribeiro

---

### Resumo

O presente artigo analisa João 1, primeiro: Jo 1,1-18, o famoso “prólogo”. Em seguida, analisa, em dois fôlegos, a seção intermediária, Jo 1,19-34. Arremata o capítulo, analisando Jo 1,35-51, e, finalmente, concluiu, *recapitulando*, interessado no entrelaçamento das referências textuais discerníveis nas três seções. A absoluta ausência de notas de rodapé denuncia uma metodologia própria de trabalho, e o caráter provisório do texto. O mesmo está, portanto, na fase preliminar. Um próximo passo, que darei depois de fazer o mesmo exercício com os demais capítulos de João, seria dialogar com a literatura. Dialogo, primeiro, com o leitor.

Palavras-chave: Evangelho de João, Verbo, encarnação, Jesus, Deus.

---

### Abstract

John's Rough-draft: Brief Comments on John, Chapter 1

This article analyses John 1, first of all the “prologue” (Jo 1,1-18). Secondly, analyses the intermediate section of John 1,19-34. And finally, analyses Jo 1,35-51. It ends reviewing the 3 sections and textual relationships with each other. The absence of footnotes demonstrates the transitory nature of the text. As was said before, there is a first exercise. The next step will be a dialogue with literature. The first dialogue is with the reader.

Key-words: Gospel of John, word, incarnation, Jesus, God.

---

### 1. Jo 1,1-18

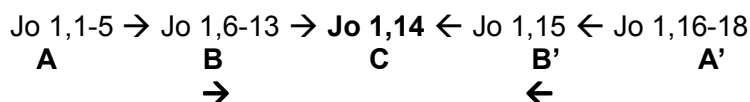
Jo 1,1-18 parece uma cebola cortada ao meio. Lendo Jo 1,1-18, pude perceber a distribuição da narrativa de um jeito que me fez lembrar o formato de uma cebola cortada ao meio. Vejo assim:

<b>A</b>	1,1-5	O Verbo pré-encarnado estava com Deus
<b>B</b>	1,6-13	João: testemunha do Verbo
<b>C</b>	1,14	“O Verbo se fez carne”
<b>B'</b>	1,15	João: testemunha do Verbo
<b>A'</b>	1,16-18	O Verbo encarnado dá a conhecer Deus

Penso poder entrever uma divisão em cinco partes: um “miolo” (C), em torno do qual se distribuem duas “rodela”, uma maior, mais externa (A + A'), outra, menor, mais interna (B + B'), como uma cebola. A cebola tem “camadas” em forma de círculo, as rodela. Se eu imaginar uma cebola, e colocar Jo 1,14 como o miolo das camadas, no meio da cebola, então as outras quatro partes estarão em volta desse centro, desse olho, de Jo 1,14, assim como as rodela da cebola estão em torno do olho da cebola, as rodela maiores mais longe, as

menores, mais perto.

Se Jo 1,14 é o centro, então sobram duas rodela – as “molduras”. Uma moldura mais próxima do centro é formada por Jo 1,6-13 *mais* Jo 1,15 (B e B’ no quadro). A outra moldura, externa, mais distante do centro, é formada por Jo 1,1-5 *mais* Jo 1,16-18 (A e A’ no quadro). Disso resulta uma série que pode ser visualizada também de forma “horizontal”:



Se o jeito de eu ver o texto corresponde ao jeito com que o texto foi “pensado” e “escrito”, tenho de admitir que se espera que eu preste atenção em Jo 1,14, porque aí está o centro da “cebola”, logo, o *núcleo da narrativa*. As outras duas partes, A – B e B’ – A’, sustentam-se, erguem-se, constroem-se como molduras a partir desse núcleo, ou em volta dele, se se preferir.

O que isso quer dizer? Quer dizer que Jo 1,14 serve de fundamento para Jo 1,1-5 + Jo 1,16-18 (moldura A + A’), e para Jo 1,6-13 + Jo 1,15 (moldura B + B’). E se for assim, nenhuma dessas partes pode ser tomada sozinha. Antes, todas as partes devem ser lidas uma em relação às outras, e, além disso, e principalmente, todas à luz do centro – Jo 1,14.

### 1.1 O Miolo da Cebola

O que diz o centro? “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho Único, cheio de graça e de verdade”. No centro está a *encarnação* do Verbo – o Verbo, que *verbo* era, *faz-se carne*; fez-se, sabemos, Jesus, o Messias, que é o que quer dizer “Jesus Cristo” (v. 17b). E, se a *encarnação* está no centro de Jo 1,1-18, como as suas duas molduras se comportam em relação ao tema?

### 1.2 A Rodela Maior da Cebola

A moldura externa do miolo é formada por Jo 1,1-5.16-18. O início e o final da narrativa. De que tratam esses versos? E qual sua relação com o miolo, isto é, com o tema da *encarnação*?

A primeira parte da moldura externa (A), diz que, no princípio, o Verbo estava com e era Deus. Tudo foi criado por meio dele. Trata-se da relação entre o Verbo e Deus. Mesma relação de que trata a outra parte da moldura externa (A’): “ninguém jamais viu a Deus” (v. 18a). Somo as duas partes, e o que tenho? Tenho a afirmação de que o Verbo estava com Deus, e que ninguém jamais viu a Deus. Essa afirmação parece forte – e é – ainda mais que vem logo depois de uma referência a Moisés, no v. 17. Ou seja, ninguém, nem mesmo Moisés, viu a Deus. É tanto uma afirmação forte, quanto polêmica.

No centro, a *encarnação*; em volta da *encarnação*, a afirmação de que o Verbo estava com Deus, de que era Deus, e de que ninguém jamais houvera visto a Deus. De que forma essa moldura se relaciona com o centro? A julgar pelo que se diz no v. 18b, de forma radical: “o

Deus unigênito, que está no seio do Pai (isto é, o Verbo), esse o deus a conhecer”. A soma do miolo e da rodela maior da cebola afirma que apenas o Verbo *encarnado* dá Deus a conhecer, porque ninguém jamais viu a Deus, somente o Verbo, que, encarnado, *encarnando* revela o Pai.

### 1.3 A Rodela Menor da Cebola

Também tendo duas partes (B e B’), de que fala a moldura interna de Jo 1,1-18? E Também como se relaciona com o tema da *encarnação*? Bem, o tema de Jo 1,6-13.15 está relacionado a João, o batista. Seu nome aparece nas duas partes da moldura, no v. 6 e no v. 15, e isso para dizer que João era testemunha do Verbo encarnado, da luz, mas igualmente para dizer que ele *não* era a própria luz (v. 8), porque o Verbo encarnado é mesmo *anterior* ao batizador (v. 15).

A figura de João, o batizador, parece, contudo, servir de ligação para um outro tema, talvez mesmo o tema da moldura interna: *a recusa do testemunho da encarnação do Verbo*. Primeiro, diz-se que “o mundo não o conheceu” (v. 10), mesmo tendo sido feito por intermédio dele; depois, diz-se que os seus não o receberam (v. 11). E finalmente, conclui-se dizendo que “a todos quantos o receberam (...) deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (v. 12). Numa palavra: encarnado, o Verbo teria vindo revelar Deus ao mundo e aos seus. Mas nem o mundo, nem os seus, receberam-no. Quer dizer, não “todo o mundo”, porque “a todos que o receberam” (v. 12), a esses foi dado tornarem-se filhos de Deus.

### 1.4 Considerações

Saltam aos olhos temas que se inter-relacionam: a pré-existência do Verbo em relação ao mundo; a criação do mundo por intermédio do Verbo; a encarnação do Verbo; a revelação do Pai pelo Verbo; o testemunho do Verbo por João; a recusa do testemunho do Verbo pelo “mundo” e pelos “seus”; e, finalmente, a situação de filiação divina por parte daqueles que receberam o Verbo – entenda-se, que receberam Jesus (enquanto) Cristo (enquanto) encarnado.

Quem quer que fale *na* narrativa, isto é, quem quer que tenha escrito Jo 1,1-18, incluiu-se *nesses* que o receberam. No momento da redação do texto, quem quer que o redija, conta-se e se inclui, a si mesmo, entre os filhos de Deus. Logo, quem escreve o texto tem em Jesus, o Messias, a *encarnação do Verbo*, única *testemunha do Pai*, e revelador do Pai, *instrumento para a adoção divina*. Se eu olho agora o texto por esse prisma, o que acontece com a narrativa?

Primeiro, vejo uma polêmica acentuada através da figura de João, o batizador. A encarnação do Verbo passa por ele (v. 6): “houve um homem enviado por Deus”, mas deve ultrapassá-lo (v. 15): “o que vem depois de mim, passou adiante de mim”. A memória de *João, o batizador*, é necessária para o argumento de *João, o Evangelho*, mas a “comunidade” de João, o batizador, que, imagino, está viva *quando o texto está sendo escrito*, deve estar considerando-se suficientemente fundamentada em sua memória e tradição, independentemente do recebimento da encarnação do Verbo. Seja quem for que escreve Jo 1,1-18, ele polemiza com essa independência dos herdeiros de João, o batizador: João não era a luz, mas dava testemunho dela. Quem escreve o texto também polemiza com a herança

judaica. Reconhece que os judeus eram especialmente ligados ao Verbo (“o que era seu”, v. 11), mas afirma que, apesar disso, não o receberam. Também polemiza com o “mundo”, com o que se quer indicar para além da comunidade do batista, e para além da comunidade judaica, para o mundo greco-romano, o mesmo de Jo 3,16: “mundo”, massa humana.

Para quem escreve Jo 1,1-18, apenas o Verbo viu a Deus e o revelou, e o revelou, porque foi o único a vê-lo. Excluíam-se João, o batizador (que testemunhou do Verbo), a tradição judaica (Moisés intermediou a Lei, v. 17), e o “mundo”. Deus tem quem recebe o Filho, encarnado.

Quem escreve Jo 1,1-18 dialoga polemicamente com seu tempo, com seus concidadãos e com seus concidadãos. Fala de si, e a partir de si. Seu pronunciamento é radical e exclusivista, porque liga Deus ao Verbo, o Verbo à encarnação, a encarnação ao testemunho dela, e a afiliação divina ao recebimento do testemunho da encarnação. Quem está dentro, está dentro; quem está fora, está fora.

Em pleno século XXI, como ouvir tal pronunciamento? Como recebê-lo? Como falar dele? De que forma ele se desdobra no Evangelho de João? De que forma se desdobra nas epístolas joaninas? O que, afinal, ele quer dizer e significa para mim, hoje, cidadão do mundo e do século XXI?

## 2. Jo 1,19-34 (a) [Jo 1,19-28]

João, o batizador, recebe uma atenção especial no início do *Evangelho de João*. É mencionado pelo nome no prólogo, em Jo 1,6-9 e 1,15. Agora merece toda uma seção, só para ele. O que isso quer dizer?

No prólogo (Jo 1,1-18), o batista merecera atenção, sim, mas num tom de polêmica. Quando fora mencionado nos v. 6-9, fora para ser desconsiderado como “luz”: “ele não era a luz”. Quer-se fazer João assumir a posição que se entende lhe caber: “veio para dar testemunho da luz” (Jo 1,9). Que o batizador não era a (própria) luz, mas (apenas) testemunha dela o disse o próprio narrador do texto em Jo 1,6-9. Depois, contudo, no v. 15, fará o próprio João declarar: este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim”. Assim, o narrador do texto faz também o próprio João concordar com sua declaração: João não é a luz; a luz é aquele que passou adiante de João, que lhe vai na frente...

Como será que se comporta, agora, toda a série de Jo 1,19-34, toda ela reservada para João?

### 2.1 “Eu não sou o Cristo”

O texto começa pondo em cena uma comitiva de judeus de Jerusalém, do Templo, sacerdotes e levitas (v. 19), e também fariseus da sinagoga (v. 24), cuja missão é a de interrogar João: seria ele o *Messias*? A narrativa é inapelavelmente clara, contundente como um tiro à queima roupa: “Eu não sou o Cristo” (Jo 1,20). O narrador apresenta a fala de João, o batizador, como uma confissão: “ele confessou e não negou, confessou: ‘eu não sou o Cristo’”. Dizer que não é o Cristo é dizer que não é o *Messias*. Dizer que não é o *Messias* é dizer que não era aquele para quem todos os olhos se dirigiam, em esperança e fé. Não, não era ele, ele

confessava. Tão pouco era Elias, nem mesmo o profeta (Jo 1,21). O narrador faz João dissociar-se, por confissão, de todas as expectativas da tradição judaica (Mt 3,23; Dt 18,15), além de descaracterizar-se como *Messias*. João não era nada disso.

## 2.2 “Quem és?”

O narrador apresentará João, o batizador, de duas maneiras: João, a voz que clama, e João, o batizador, as duas, ligadas à tradição da atividade de João: pregador e batizador.

### 2.2.1 João, a voz que clama

A comitiva é posta a ouvir “não sou” atrás de “não sou”, e como toda boa comitiva que se preze, considera seu dever levar um “sou” para aqueles que lha enviaram (Jo 1,22): “disseram-lhe então: ‘quem és, para darmos uma resposta aos que nos enviaram?’. João, então, vai dizer quem é, e, para tanto, o narrador do texto o põe a citar uma outra tradição judaica, dessa vez transcrevendo-a:

*“Voz do que clama no deserto:  
endireitai o caminho do Senhor (Jo 1,23).*

João é posto a dizer que cita Isaías. Curiosa essa citação, que outro evangelista, Mateus, também usa (Mt 3,3). Na verdade, Jo 1,23 é uma citação mais abreviada do que a de Mt 3,3: “Voz do que clama no deserto: *preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*”. Apesar disso, as duas citações concordam entre si, porque a sua citação faz a “voz” clamar “no deserto”: “voz do que clama no deserto”. Essa unanimidade de citação entre João (Evangelho) e Mateus, deveria me fazer seguir em frente. Mas como o nome de Isaías é citado, não custa conferir o que Isaías teria dito. A citação é de Is 40,3, e a tradução de Almeida é:

*“Eis a voz do que clama:  
preparai no deserto o caminho do Senhor;  
endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus”.*

Se eu ler apressadamente, irei adiante, com a sensação de que “conferi” bem. Mas será uma falsa impressão. A citação que Mateus e João fazem não é exatamente igual ao que está escrito em Is 40,3. O sentido não é rigorosamente o mesmo. Se colocado num quadro, o conjunto mostra-se melhor aos olhos:

Is 40,3	Mt 3,3	Jo 1,23
<i>“Eis a voz do que clama:  <u>preparai no deserto</u> o caminho do Senhor; <u>endireitai no ermo</u> uma estrada para o nosso Deus”.</i>	<i>“Voz do que <u>clama no deserto</u>:  preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”.</i>	<i>“Voz do que <u>clama no deserto</u>:  endireitai o caminho do Senhor</i>

Para que a diferença entre Is 40,3 e a sua citação em Mt 3,3 e Jo 1,23 fique ainda mais clara, faço duas perguntas aos textos: 1) onde a voz clama? 2) onde o caminho deve ser preparado? As respostas são diferentes, depende se as buscamos em Isaías ou nos

Evangelhos. Em Isaías, não se diz *onde* a voz clama; ela *apenas* clama; e o que ela clama? Clama para que *no deserto*, aí sim, o caminho do Senhor seja preparado. Já em Mateus e João, *no deserto* clama é a voz, enquanto que não se diz *onde* o caminho deve ser preparado; só é dito que o caminho deve ser preparado.

Por que a diferença de respostas? Julgo simples a explicação: as citações de Mateus e João não são citações diretas de Isaías, mas, segundo estou pronto para admitir, citação de alguma tradução de Isaías, as tradução grega, por exemplo, que lhe teria subvertido o texto. A subversão do texto fica clara em Mateus. Perdeu-se a expressão “no ermo”, que consta da última parte de Is 40,3: endireitai *no ermo* uma estrada”. Além disso, o que era “uma estrada para nosso Deus” em Is 40,3, simplificou-se para “as suas veredas” em Mateus. Com isso, a expressão “no deserto”, que consta da segunda parte de Is 40,3, e que se referia não onde a voz clamava, mas onde o caminho do Senhor deveria ser preparado, foi “aproximada” da expressão “voz do que clama”, e passou a constituir uma afirmação que não existe em Isaías: “voz do que clama *no deserto*”. Enquanto Isaías se referia a uma voz que clama *que*, no deserto, o caminho do Senhor deveria ser preparado, por sua vez Mateus se refere, como se se referisse a Isaías, a uma voz que clama *no deserto*, para que o caminho do Senhor (sem lugar específico) seja preparado. Isaías se refere ao retorno dos cativos da Babilônia utilizando-se da figura do “êxodo” no deserto, e, por isso, a voz clama que, no deserto, o caminho (dos cativos) seja preparado para o Senhor (que vem com os cativos (cf. Sl 126). O “deserto” em Isaías é a figura do retorno para a terra, enquanto que, por causa da “tradução” a que se servem, quero crer, em Mateus e João, “deserto” torna-se o lugar onde a voz clama, e a voz, então, torna-se figura perfeita para “João, o batizador”.

Seja como for, João, o batizador, é posto a identificar-se com quem *prepara* o caminho do Senhor. Com isso, obtêm-se dois efeitos: fundamenta-se o ministério de João na tradição das Escrituras (Is 40,3), e, por outro lado, também a partir da Escritura, confirma-se o que tanto o narrador, quanto o próprio João já haviam dito e confessado: João não é o Messias, e sua missão é preparar o caminho do Messias. Tanto esforço para dizer que João *não é* (Jo 1,6-9.15.19-23) deve traduzir, creio, um confronto ideológico entre a comunidade de cristãos por trás do texto do Evangelho de João, e alguma comunidade ligada à memória e à tradição de João, o batizador, comunidade suficientemente forte para ser considerado necessário enfrentar sua ideologia na porta de entrada do Evangelho de João. E sua ideologia aponta para a confissão de que João, o batizador, era o Messias. É por conta disso que a comunidade joanina tem de insistir em que João não é o Messias, porque a comunidade de João não apenas diz que, sim, que João é o Messias, mas ela faz suficiente barulho ao dizê-lo.

Minha percepção de que se trata de um esforço polêmico parece reforçada pelo fato de que, como fizera em Jo 1,11.17, polemizando por tabela com a tradição judaica sobre a identificação de Jesus como Messias, também em Jo 1,19-34 a polêmica transborda. Só que não se trata apenas da tradição, mas os próprios representantes oficiais da tradição são trazidos para a cena: sacerdotes, levitas e fariseus. O narrador os põe a duelar entre si, e pretende recolher os despojos da peleja. E nesse preciso ponto parece ser oportuna a sistematização da estrutura de Jo 1,19-34:

<b>A</b>	Quem é João?		Jo 1,19-28
		<b>a</b> João, a voz que clama	Jo 1,19-23
		<b>b</b> João, o batizador	Jo 1,24-28
<b>B</b>	Quem é		Jo 1,29-34

	Jesus?	
	a Jesus, o Cordeiro de Deus	Jo 1,29-31
	b Jesus, o Filho de Deus	Jo 1,32-34

A seção Aa (Jo 1,19-23) termina com a “citação” de Isaías. Diz-se quem João não é – nem o Messias, nem Elias, nem o profeta – e diz-se quem ele é – o anunciador, a voz que clama. A seção Ab (Jo 1,24-28) será então construída sobre essas declarações do batizador.

### 2.2.2 João, o batizador

O narrador usa como gancho tudo quanto João dissera, e faz-se pronunciar pela boca dos representantes da sinagoga, os fariseus: “e por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” (Jo 1,25). Trata-se de uma pergunta que me faz pensar estar ouvindo os argumentos da própria comunidade de João, em resposta às prerrogativas messiânicas da comunidade joanina: por que cargas d’água João batizaria, se ele não se considerasse ou o Messias, ou Elias, ou o profeta? É um tipo de pergunta que se faz quando já se está às proximidades do abismo. Por quê? Porque ela admite os argumentos contrários (João *não* é), e sobre esses argumentos constrói uma tentativa de defesa. Se estou diante de argumentos da própria comunidade de João, o batizador, devo reconhecer que já estão espremidos contra a parede além do que seria conveniente para sua sobrevivência. De um jeito ou de outro, a pergunta dos fariseus dá azo para que o narrador ponha a pá de cal sobre as expectativas da comunidade do batizador: “aquele que vem depois de mim, do qual eu não sou digno de desatar as sandálias” (Jo 1,27). João não era Elias, não era o profeta, não era o Messias. Não, o Messias já estava “no meio de vós” (v. 26), e João não era digno de desatar-lhe as sandálias. Das prerrogativas da comunidade do batizador, até a imagem construída pelo narrador de Jo 1,1-34, João, o batizador, despenca: de “Messias”, é convertido em um homem indigno de desatar as sandálias do Messias. É um pena que não saiba como a comunidade do batizador reagiu – se reagiu – a uma tal descaracterização. Chega-me às mãos apenas a perspectiva da comunidade joanina...

### 3. Jo 1,19-34 (b) [Jo 1,29-34]

“No dia seguinte” (Jo 1,29a) pode servir como indicativo de que o narrador separa aqui sua narrativa. Dentro da seção constituída por Jo 1,29-34, a descartável introdução ao testemunho de João (“e João deu testemunho, dizendo:”), por sua vez indica uma divisão interna na seção, que corresponde às duas apresentações de Jesus: como Cordeiro de Deus (v. 29-31) e como Filho de Deus (v. 32-34).

#### 3.1 Jesus, Cordeiro de Deus

João, o batizador, apresenta Jesus como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. E diz mais: diz que foi enviado a batizar justamente para manifestar a Israel a identidade do Cordeiro: “Eis o Cordeiro de Deus (...) para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água” (v. 29a.31b).

O fato de que João, o batizador, foi justamente enviado a batizar, para manifestar o Cordeiro de Deus retoma, a seu tempo, a pergunta que, “ontem”, fizeram os fariseus: “por que

batizas?” (Jo 1,24b). Lá João não respondera, efetivamente, porque aprovou a ao narrador utilizar-se daquele espaço para colocar João no lugar de João, e, Jesus no lugar de Jesus. Jesus, e não João, é o Messias.

Jesus é Messias, mas, enquanto Messias, é o Cordeiro de Deus, “que tira o pecado do mundo” (v. 29). Trata-se de uma precisão, de uma qualificação: Messias-cordeiro é um termo mais preciso do que Messias somente. Além disso, o narrador põe João a referir-se a seu testemunho que, agora, consta de Jo 1,15. Em Jo 1,30, lê-se: “dele é que eu disse: depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim”. Esse testemunho e memória remonta, na narrativa, a Jo 1,15: “João dá testemunho dele e clama: ‘este é aquele...’”. Ora, em Jo 1,15, na introdução narrativa ao testemunho de João, o batizador, o demonstrativo “dele”, que introduz o próprio testemunho de João, refere-se ao Verbo de Jo 1,14. Jo 1,14 é o centro da composição constituída por Jo 1,1-18: “e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória”. Jo 1,15 diz que, desse Verbo, mas desse Verbo encarnado, dele é que João deu testemunho.

Agora o narrador põe o próprio João a recordar-se de seu próprio testemunho. Em Jo 1,30 inscreve-se, também, um demonstrativo: “dele”, dessa vez ligando o mesmo testemunho, que em Jo 1,15 liga-se ao Verbo encarnado, agora ao título de Cordeiro de Deus. Em outras palavras, os dois títulos, Verbo *encarnado* e Cordeiro de Deus tornam-se correspondentes a partir da referência que o testemunho de João faz *ao mesmo tempo a ambos* quando é posto a dizer “este é aquele de quem eu disse...” (Jo 1,15b = Jo 1,30b). O Quadro 1 pode ajudar a visualizar isso que estou tentando dizer. Reparem nas correspondências entre os títulos dos v. 15 e 30; no uso do demonstrativo “dele”, isto é, do Verbo encarnado (v. 14.15), mas *também* “dele”, isto é, do Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (v. 29.30); e no demonstrativo “este”, que, se tomado a partir do v. 15, refere-se ao Verbo encarnado, se tomado a partir do v. 30, se refere ao Cordeiro de Deus, mas se tomado à luz do conjunto, identifica os títulos, e se refere *tanto* ao Verbo encarnado, *quanto* ao Cordeiro de Deus.

Quadro 1		
<p>“E o <b>Verbo</b> se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,15a)</p>	↔	<p>“Eis o <b>Cordeiro de Deus</b>, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29a)</p>
⇕		⇕
<p>“João dá testemunho <b>dele</b>” (Jo 1,15a)</p>	↔	<p>“<b>Dele</b> é que eu disse” (Jo 1,30a)</p>
↙		↘
<p>“<b>Este</b> é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,15b = Jo 1,30b)</p>		

### 3.2 Ver: Encarnação e Testemunho

Fará parte da estrutura consciente da narrativa a presença do verbo “ver” tanto em Jo

1,14 quanto em Jo 1,29? Lá, diz-se que “*vimos* a sua glória”, isto é, vimos a glória do Verbo encarnado. E a vimos por quê? Vimos, porque “o Verbo se fez carne”. Por sua vez, cá, o narrador não deixa de precisar que “no dia seguinte, ele (João, o batizador) *vê* Jesus aproximar-se dele” (v. 29). Por que João viu Jesus? Porque Jesus aproximou-se dele. Coincidência demais, não? Uma vez que o tema de “ver Jesus” voltará no Evangelho e fará parte também do prólogo da primeira carta joanina, aposto que não é coincidência. E, se não for coincidência, para o que apontaria, conscientemente, a insistência no *ver*? Penso que se tomarmos os dois detalhes analisados, primeiro, o conjunto de referência demonstrativa que une o Verbo encarnado ao Cordeiro de Deus e, por sua vez, afirma-os como se tratando de Jesus: “viu Jesus aproximar-se dele”. Logo, o Verbo é Jesus, diz o narrador, dizendo-o pela memória de João. Jesus é o Verbo, e o Verbo encarnado.

Por outro lado, Jesus é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Mas se, enquanto Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jesus é, também, o Verbo encarnado, então se conclui que o poder de tirar o pecado do mundo está depositado sobre o Verbo *enquanto* encarnado. O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo é o Verbo encarnado. Não é o Verbo, mas o Verbo encarnado, e o Verbo encarnado é Jesus. Jesus é o Verbo encarnado, e, porque encarnado, é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O narrador insiste em dizer que João *viu* o Cordeiro de Deus, e que “*nós vimos*” a glória do Verbo-carne. Por que a “vimos”? “Porque a vida manifestou-se: nós a vimos e lhes damos testemunho (...) e isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (1 Jo 1,2a.4).

A encarnação apresentou-se como o centro geográfico e semântico de Jo 1,1-18: Jo 1,14 apresenta o Verbo *que se fez carne*. Mais uma vez a encarnação, agora transbordando, insinua-se de forma teologicamente relevante: o Cordeiro de Deus é Jesus, o Messias, ou, dito de outro modo, Jesus é o Messias-cordeiro, que tira o pecado do mundo, sendo que, o Messias-cordeiro que tira o pecado do mundo, é tanto de Deus, quanto é o Verbo, e o Verbo encarnado.

### 3.3 Jesus, o Filho de Deus

Se dá testemunho da identidade de Jesus como Verbo encarnado e como Cordeiro de Deus através do testemunho de João, o batizador, o narrador também se serve de João para apresentar Jesus como Filho de Deus. Esse é o tema da quarta e última parte de Jo 1,19-34, isto é, de Jo 1,32-34. João dirá, no término da seção: “E eu vi e dou testemunho que ele é o Filho de Deus”.

Acentua-se a relevância do testemunho de João, o batizador, para o narrador, ou para a comunidade que lhe está na base da argumentação. Nos três versículos que constituem a seção, Jo 1,32.33.34, três vezes aparece o verbo “ver”: “Vi o Espírito descer, como uma pomba vindo do céu, e permanecer sobre ele” (v. 32); “aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo” (v. 33); e “eu vi e dou testemunho que ele é o Filho de Deus” (v. 34). “Ver” constitui-se numa questão fundamental para a narrativa. E se é importante o fato de se ter visto, conseqüentemente passa a ser de suma importância aquele que viu. Por isso a comunidade joanina recorre ao mesmo João, para transpor a distância visual, distância essa que se interpõe entre a fé da comunidade joanina e a própria encarnação, e isso ainda que tenha que, entretanto, ultrapassar João, o batizador (Jo 115.30). João, o batizador, é ultrapassado por Jesus, o Messias: esse é o motivo de fundo de toda a narrativa, até o v. 34. Não obstante, a narrativa não abre mão do testemunho de João, o

batizador. Que fique lá atrás, mas que dê seu testemunho...

Há, então, na presença de João, o batizador, nos argumentos narrativos de Jo 1,1-34, uma certa coerência argumentativa, que se poderia traduzir numa série de proposições:

1. ninguém jamais viu a Deus (Jo 1,18a)
2. o Filho (= o Verbo encarnado) o deu a conhecer (Jo 1,18b)
3. João, o batizador, não o conhecia (Jo 1,31.33)
4. esse João viu o Espírito descer sobre Jesus (Jo 1,32)
5. esse João, porque viu o que devia ver, testemunha que Jesus é o Filho de Deus (Jo 1,34)
6. esse João fora mandado como testemunha (Jo 1,7)
7. esse João dá testemunho do Verbo encarnado (Jo 1,15)
8. a comunidade joanina pode tomar o testemunho para si: “nós vimos a sua glória” (Jo 1,14)

Trata-se de um argumento viciado, porque fundamentado na memória do testemunho de João, o batizador, que, a seu tempo, testemunha ter visto o Espírito, em forma de uma pomba, descer sobre Jesus. Em si mesmo, isso nada significaria, porque, afinal, o que significa a visão de uma pomba descer sobre uma pessoa? Ocorre que, contudo, o mesmo João dá a saber que “aquele que me enviou para batizar com água disse-me: ‘aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo’” (Jo 1,33b). Resulta dizer que a visão que João, o batizador, tem, faz sentido apenas a partir da informação que obteve junto àquele que o teria enviado. O argumento é:

1. aquele que o enviara a batizar lhe dissera que aquele que viria a batizar com o Espírito Santo seria justamente aquele sobre quem João visse descer e permanecer o Espírito Santo na forma de uma pomba;
2. enviado por aquele que o enviou e lhe deu a chave hermenêutica da revelação do segredo, o batizador vê descer sobre Jesus o Espírito Santo em forma de pomba;
3. uma vez que João viu o que lhe teria sido dito ser o sinal, e uma vez que a cena desenrola-se tendo Jesus como centro, o batizador pode testemunhar que Jesus é aquele que batiza com o Espírito Santo, isto é, Jesus é o Filho de Deus: João vê descer sobre Jesus o Espírito Santo, conforme aquele que o enviara para batizar e lhe dissera o que aconteceria.

Que premissa é a premissa fundamental? Se é tomada a autoridade “daquele que me enviou”, deixa-se de notar que ela está sustentada pelo testemunho de João: só tomo conhecimento dela, porque João me dá a saber. Se é tomada a autoridade de João, ela retorna para aquele que o enviara, uma vez que o próprio João fundamenta nele o seu testemunho. Por outro lado, nem João, nem o próprio Cristo estão mais presentes na gênese da narrativa, e se trata mesmo de embate de comunidades – a do batizador, de um lado, a joanina, de outro – recorrendo a suas memórias e tradições. Nesse sentido, a autoridade de João, o batizador, vale para a comunidade joanina, que escreve o texto, por conta do fato de que João é considerado relevante para a comunidade do batizador. Por força do fato de que João, o batizador, goza de prestígio naquela comunidade, mesmo a despeito do esvaziamento do papel central que ocupa naquela comunidade, João é sacado como argumento, porque, a rigor, é o traço de união entre a encarnação, Jesus, e a comunidade de fé. Assim como Jesus é a encarnação do Verbo, assim como João é a encarnação do testemunho de que Jesus é o Verbo, a tradição da comunidade do batizador é tomada como a encarnação da validade do

testemunho de João, o batizador, porque é *para aquela comunidade*, mais do que para qualquer outra, que João, o batizador, é *autoridade* e *testemunho*. Por isso o argumento funciona, porque ele é usado dentro do próprio círculo que o institui e vicia – ligações tradicionais, memórias religiosas e espirituais relevantes, significativas, fundamentais e fundantes. O leitor contemporâneo percebe o círculo. Deixar-se-á convencer por ele? Consistirá a sua adesão à fé a subscrição do círculo? A consciência crítica da fragilidade epistemológica do argumento trai o que se considera fé? A consciência da relevância sociológica do argumento, na história concreta por trás do texto, substancia o argumento? O que se considera fé deve submeter a sacrifício a consciência e a percepção críticas? A função da catequese será sustentar o argumento da narrativa, independentemente do vício de argumentação em que ele se constitui? Uma proposição sustentada por um círculo vicioso de argumentos deve ser criticamente considerada, a despeito do vício de argumentos? Mesmo se a base escriturística é o conjunto *dos argumentos*?

De que forma os homens e as mulheres, leitores e leitoras de *João*, devem se posicionar diante da proposição narrativa? Aceitá-la e assumi-la? Compreendê-la e refletir sobre ela? Desfrutar dela e se deliciar com ela? Diante de que devem se posicionar esses homens e mulheres, entre os quais, naturalmente, incluo-me? Diante da *narrativa*, da plástica de personagens e ações, de personagens em ação, de dizeres e argumentos, no mundo próprio das palavras *no texto*? Ou diante da carne concreta e crua que carrega na tinta, que vive por trás das palavras do texto, *na vida e na história*, de que o texto é fruto e flor? Dogmática? História? Qual o caminho para nós, cristãos do século XXI, se o campo consiste nas *Escrituras*? É uma estrada de palavras? Ou é uma estrada de carne encarnada em corpo, presente, nesse caso, não *na narrativa*, mas *por trás dela*?

#### 4. Jo 1,35-51

Jo 1,35-51 está dividido em dois pedaços, cada um introduzido pela mesma expressão que já fora usada em Jo 1,29: “no dia seguinte”. A seção começa com a expressão (v. 35), e é fendida ao meio pela mesma expressão no v. 43. Conta-se, portanto, o conteúdo de dois dias de histórias. E são histórias de discípulos.

##### 4.1 “Encontramos o Messias”: Jesus e os Discípulos do Batizador

Desde Jo 1,18, passando depois por Jo 1,19-34, que, a despeito de funcionar, por força da memória de seu testemunho, como fundamento argumentativo para a identificação de Jesus como o Messias, a presença de João, o batizador, vai servindo de piso para a construção dos argumentos da narrativa. Anteriormente, suspeitara que tal fenômeno devia-se a embate de comunidades – a comunidade joanina confrontando-se com os argumentos da comunidade do batizador. Penso que Jo 1,35-42 reforce consideravelmente essa suspeita. Por quê? Porque a narrativa faz não só dois discípulos de João, o batizador, seguirem Jesus, mas o declararem como Mestre e Messias. Se até aqui a figura do fundador da comunidade do batizador, que vislumbro por trás das argumentações do texto – se ela existiu, se existe atrás do texto, é um risco assumido – havia permanecido sob o foco do embate, se até se travava de uma luta de fundadores, digamos assim, Jesus x João, agora entram em cena os *discípulos*.

Introduzem-se dois discípulos de João (v. 35). A narrativa leva João a repetir sua declaração de Jo 1,29, identificando Jesus como o Cordeiro de Deus (v. 36). Os dois discípulos

ouvem João falar que Jesus é o Cordeiro de Deus, e o seguem (v. 37). Jesus pára e os interroga sobre quanto buscam (v. 38a). “Disseram-lhe: ‘Rabi (...) onde moras’?” (v. 38b). “Vinde e vede”, é o que lhes responde Jesus, e eles vão, e vêem onde Jesus mora, “e permaneceram com ele aquele dia” (v. 39).

João desaparece da cena. Sua missão foi cumprida. Fora “enviado por Deus” (v. 6), “para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele” (v. 7). “João dá testemunho (...): ‘este é aquele’ (...)” (v. 15.30). Foi enviado a batizar, para manifestar a Israel o Cordeiro de Deus, o Messias, o Verbo encarnado, a luz (v. 31). Seus discípulos, agora, viram o mestre, seguem-no, entram em sua casa. Que mais quer João? Para que mais serve? A serventia de João é levar seus discípulos ao *Mestre*, e que sua missão foi bem sucedida confirma-o o testemunho de André, seu discípulo, agora de Jesus: “Encontramos o Messias” (v. 41). Como assim, “encontramos o Messias”? Não estavam com João? Como, então, encontraram o Messias? Não o tinham, estando com João? Não, não o tinham, como o mesmo João, o batizador, dissera-o: “eu não sou o Messias” (v. 20). É por isso que André não mais levará alguém a João, mas a Jesus, como fez com Pedro: “Ele achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: ‘havemos achado o Messias’ (...). E o levou a Jesus” (v. 41-42a). Conclui-se o argumento em torno de João: João leva a Jesus, o Messias; os discípulos de João vão a Jesus, o Messias; os discípulos de João levam a Jesus, o Messias. Ficam claras as posições, sob a perspectiva da comunidade que redige a narrativa.

André, um dos discípulos de João, o batizador, que seguiram Jesus, é, contudo, irmão de Pedro (v. 40). Sai de cena João, entra Pedro.

#### 4.2 “Encontramos Aquele de Quem Falam Moisés (...) e os Profetas”

A segunda parte da narrativa desenrola-se “no dia seguinte”. Há um primeiro “no dia seguinte” em Jo 1,29. Isso significa, que, nos termos em que dispõe a narrativa, os eventos de Jo 1,29-34 (a identificação de Jesus como Cordeiro de Deus, e filho de Deus) dão-se no dia seguinte aos eventos de Jo 1,19-28 (a negação de João de ser o Messias). Se Jo 1,19-28 dá-se no dia  $x$ , então Jo 1,29-34 dá-se no dia  $x + 1$  (“no dia seguinte”, cf. v. 29), Jo 1,35-42 dá-se no dia  $x + 2$  (“no dia seguinte”, cf. v. 35), e Jo 1,43-51 dá-se no dia  $x + 3$ . Essa série cronológica prepara para a cena do milagre do vinho, em Caná, “no terceiro dia”, que se pode deduzir tratar-se do terceiro dia a contar do encontro com Natanael, se não for o próprio dia do encontro que, a rigor, consiste no terceiro dia a contar desde o encontro entre João, o batizador, e a comitiva de notáveis de Jerusalém (v. 19.29.35.43; cf. 2,1).

Nesse segundo dia, portanto, Jesus “resolver partir para a Galiléia”. Parece ser a terceira referência geográfica até aqui. Primeiro, diz-se que João, o batizador, batizava “em Betânia, do outro lado do Jordão” (v. 28). Se João permanece lá, quando Jesus se aproxima dele (v. 29), então é ainda em Betânia que João está, quando os dois discípulos ouvem-no declarar ser Jesus, que passa, o Cordeiro de Deus, porque está dito que “João se achava lá de novo” (v. 35). Nada se diz se a casa onde Jesus morava era em Betânia mesmo, ou alhures, somente que os dois discípulos foram com Jesus, e viram onde morava, e ficaram lá aquele dia. Seja como for, a narrativa faz Jesus dirigir-se para a Galiléia.

Essa mudança de geografia é azo para o encontro com Felipe (v. 43), a quem Jesus diz: “segue-me” (v. 44). Como André fora até Pedro e lhe dissera: encontramos o Messias” (v. 41), Felipe encontra Natanael e lhe informa: “encontramos aquele de quem escreveram

Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré” (Jo 1,45). Essa declaração de Felipe remonta ao v. 17: “porque a lei foi dada por Moisés”, e remonta, também, às expectativas a que João ia sendo confrontado: Messias? Elias? o profeta? As questões com que se abriu a seção em Jo 1,19-28, isto é, se seria João o cumprimento das expectativas das tradições e Escrituras judaicas, são definitivamente respondidas, agora positivamente, pelo testemunho de Felipe: Jesus é aquele que se esperava, e se esperava porque para isso apontaram Moisés, na Lei, e os profetas. As expectativas, as tradições, as esperanças, estão todas de pé, todas são plenamente válidas, a história de esperança da tradição do povo judaico, gestada, aguardada e transmitida ano após ano, século após séculos, perdida na memória do tempo, tinha valor e validade. A sua concentração é de que precisa ser precisa: o cumprimento de todas elas não é João, é Jesus, di-lo João, di-lo André, discípulo de João, agora de Jesus, di-lo Felipe, discípulo de Jesus.

Caberá a Natanael portar a chama da suspeita: “de Nazaré pode sair algo de bom?” (v. 46). Como dissera Jesus a André, Felipe diz agora a Natanael: “vem e vê” (v. 47), porque, em se tratando da encarnação do Verbo, tudo é uma questão de “ir e ver”. Natanael termina por confessar Jesus como Filho de Deus e Rei de Israel, dirigindo-se a ele como *Rabi*, como fizera também André. Surpreso com a facilidade com que Natanael submete-se à fé simplesmente por conta do diálogo entre os dois, Jesus é posto a concluir a seção, em tom solene: “em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51). Jesus se reporta a Gn 28,10-19? Isto é, o narrador concluiu apoteoticamente, levando Jesus a referir-se à cena de Jacó vendo os céus abertos, a escada que liga a terra ao céu, e por ela descendo os anjos de Deus? O sonho que sonhou Jacó descrevia uma cena como essa de que fala Jesus: “teve um sonho: eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela” (Gn 28,12). Se for correto identificar a referência posta na boca de Jesus com a passagem do sonho de Jacó, uma observação é relevante: na declaração de Jesus, a escada ergue-se sobre *ele*, o Filho do Homem. Quando Jacó desperta de seu sonho, sua reação é imediata: “teve medo e disse: ‘este lugar é terrível! Não é nada menos que uma casa de Deus e a porta do céu’” (Gn 28,17). Jacó teve medo, porque “o Yahveh está neste lugar e eu não sabia” (Gn 28,16b). Mas agora Jacó sabe. E tanto sabe que “levantando-se de madrugada, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, ergueu-a como uma Estela e derramou óleo sobre o seu topo” (Gn 28,18). Consta que a esse lugar deu o nome de Betel, *casa de Deus*. Se a referência é proposital, por que Jesus se coloca como o ponto sobre a qual se ergue a escada? Não é porque se coloca como *casa de Deus e porta do céu*? Se a referência da fala de Jesus é à cena do sonho de Jacó, onde está Betel, no sonho, está Jesus, na sua fala; onde está a porta do céu, está o Filho do Homem. Jesus é casa de Deus e porta do céu. Mas *que* Jesus? Jesus, o Verbo encarnado, o verbo que se fez carne e habitou entre nós, o Verbo que, tendo estado com Deus, encarna para o dar o conhecer, e o dá a conhecer assim, encarnado, e é nele assim, encarnado, que Deus está.

Se a narrativa de João começa falando do Verbo lá, *com Deus, no princípio* (Jo 1,1), essa primeira grande seção do *Evangelho* dito de João termina colocando Deus aqui, no chão, em Jesus, o Verbo (agora) [então] encarnado, Jesus, filho de José, de Nazaré. Trata-se de um (primeiro) recado do Evangelho? Deus não está lá ou acolá, mas cá, *encarnado*, e, se queres Deus, deves querer achá-lo sempre assim, *encarnado*? Quem sabe o que nos espera adiante?

## 5. Jo 1,1-51. Recapitulação

## 5.1 Embate entre Comunidades como Pano de Fundo de Jo 1,11-51

Termino os rascunhos do primeiro capítulo de João com a forte impressão de que todo ele é construído em torno da polêmica entre a comunidade joanina e a comunidade do batizador sobre quem efetivamente é o Messias. A forte impressão deriva da própria narrativa, e da forma como percebi sua estrutura.

Há três grandes seções em Jo 1,1-51. O famoso *prólogo* (v. 1-18); a narrativa da confissão de João diante dos notáveis de Jerusalém de que ele não era nem o Messias, nem Elias, nem o profeta, e o seu testemunho diante de Jesus de que ele sim, Jesus, era o Cordeiro e o Filho de Deus (v. 19-34); e, finalmente, a narrativa do seguimento de Jesus por parte dos dois discípulos de João, o batizador, e dos outros dois discípulos, Felipe e Natanael (v. 35-51).

Nas três grandes seções, a figura de João se comporta como argumento apologético fundamental. Na primeira parte, é dito que Deus enviara o batizador (v. 6) para dar testemunho da luz (v. 7), testemunho de que ele se encarrega, ao testificar do Verbo encarnado como “aquele de quem eu disse: ‘o que vem depois de mim, passou adiante de mim, porque existia antes de mim’”. Nessa primeira parte da narrativa, João é apresentado como, sim, tendo sido enviado por Deus, mas que sua missão desde o envio teria sido a de dar testemunho, o que ele faz. É importante para a comunidade joanina assumir o envio divino de João, o batizador, porque, na segunda parte, o testemunho de João será levado muito a sério. Na segunda parte, a fala de João, o batizador, desdobra-se em duas afirmações: a confissão de própria boca de que não é o Messias (v. 20), e o testemunho, diante de Jesus, de que ele, Jesus, é o Cordeiro de Deus (v. 29) e o Filho de Deus (v. 34), título que serão recapitulados na terceira parte (v. 36 e 49), e ampliados até o ponto de ser Jesus apresentado como Messias por um dos discípulos de João, André (v. 41), e como Rei de Israel (v. 49), isto é, “aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré” (v. 45). Nessa última parte, João, o batizador é posto a ver dois de seus discípulos seguirem a Jesus, o que deve ser interpretado tanto como cumprimento e fim do ministério de batismo de João, que desaparecerá da narrativa, bem como argumento de que os discípulos de João, o testificador do Messias, devem a rigor, tornarem-se discípulos de Jesus, o Messias.

Tomadas as duas vezes em que a declaração de João, o batizador, aparece na narrativa (v. 15 e 30), uma outra possibilidade de evidência se apresenta. Trata-se do argumento da declaração de João: “este é aquele de quem eu disse: ‘o que vem depois de mim, passou adiante de mim, porque existia antes de mim’”. Chama a atenção a fórmula “o que vem depois de mim”. Se lida à luz da hipótese de embate entre as comunidades joanina e do batizador, parece natural inferir dali que a comunidade do batizador, na defesa do messianado de seu fundador, argumentasse, por exemplo, que o ministério de João era anterior ao de Jesus, logo, mais antigo, conseqüentemente, mais importante. A resposta da comunidade joanina ao argumento pode estar na continuação do testemunho de João: “passou adiante de mim”. Com essa afirmação, a narrativa dá conta de assumir o ministério de João como anterior ao de Jesus, ao que responderá como a função do envio por Deus para testemunho, logo, necessariamente anterior, mas que, sendo anterior, é, contudo, ultrapassado, como devia ser, posto que João é testemunha, e Jesus é o objeto do testemunho. A justificativa do próprio testemunho de João da ultrapassagem de Jesus liga-se à pré-existência de Jesus em relação a João, mas, em termos narrativos, liga-se à pré-existência do Verbo em relação a todas as coisas, objeto da cristologia de Jo 1,1-18.

Curioso é observar que não será a única vez que a comunidade joanina vai referir-se a

uma ultrapassagem. Em Jo 20,1-10, “o outro discípulo, que Jesus amava” é posto a correr na frente de Pedro, e a chegar primeiro ao sepulcro: “os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro” (Jo 20,4). Não entrará primeiro, será dito, *no* sepulcro, *esperando* por Pedro e *permitindo* a ele o privilégio, mas somente o fato de que o “outro discípulo” ter chegado na frente, esperado por Pedro, e *dado* a ele o privilégio de entrar no sepulcro parece indicar para questões além da história, e mais tocantes à política. Quando chegar a hora de ler Jo 20,1-5, talvez venha a ser necessária a leitura do testemunho constante de Lc 24,12, onde se narra a tradição do retorno de Pedro ao sepulcro, depois do anúncio das mulheres acerca da ressurreição de Jesus. A nota unânime de Almeida e de *A Bíblia de Jerusalém* de que se trata de um versículo ausente em manuscritos antigos é razão suficiente para lidarmos com Lc 24,12 e Jo 20,1-5 a partir da perspectiva da dinâmica da elaboração das tradições político-sociais das comunidades cristãs primitivas. Por ora baste a alusão.

Poder-se-ia, portanto, concluir que Jo 11,1-51 tem por pano de fundo a polêmica entre a comunidade relacionada à redação do Evangelho de João e a comunidade do batizador. Pano de fundo, contudo, não é tese. A tese qual seria?

## 5.2 A Encarnação do Verbo em Jesus de Nazaré como Tese de Jo 1,1-51

Que a encarnação do Verbo deve ser considerada a tese de Jo 1,1-51 pode ser sustentada por dois argumentos. O primeiro refere-se à própria afirmação da encarnação do Verbo, objeto de Jo 1,1-18. A declaração de que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”, posta em Jo 1,14, é mesmo o centro de Jo 1,1-18 em torno do qual todo o mais se circunscreve. Diz-se que o Verbo, no princípio, estava com Deus, mas, em certo momento, o Verbo encarna, faz-se carne. Esse momento *da encarnação* não é o momento em que a narrativa é composta, eu imagino, e o testemunho de João, o batizador, é, também por isso, fundamental. Seja como for, insiste-se em que a encarnação do Verbo (v. 15), em Jesus Cristo (v. 17), é o único veículo de “revelação” do Pai: “ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (v. 18).

O tema da encarnação é ainda desenvolvido teologicamente no restante da narrativa (Jo 1,19-34 e 35-51). Em Jo 1,19-34, o tema da encarnação é desenvolvido pelo testemunho do batizador de que Jesus é o Filho de Deus (v. 31-34). A identificação entre “Jesus, filho de José, de Nazaré” (v. 45) e o Verbo encarnado é atestado na narrativa por uma tríplice evidência: primeiro, que Deus, isto é, “aquele que me enviou” (v. 33; cf. v. 6), dá a saber a João que o Espírito Santo pousará sobre o Filho de Deus; segundo, o Espírito Santo pousa sobre Jesus, o Filho de Deus (v. 33); terceiro, João, o batizador vê o Espírito Santo pousar e permanecer sobre Jesus: “e eu vi e dou testemunho que ele é o Filho de Deus” (v. 34). Jesus de Nazaré é o Verbo encarnado, e disso dão testemunho Deus, o Espírito Santo e João, o batizador, independentemente do fato de que o testemunho dos dois primeiros seja, a rigor, argumento do testemunho do último.

Em Jo 1,35-51, Jesus é apresentado como Messias (v. 41), como “aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas” (v. 45), e como Rei de Israel (v. 49). Ao lado do título de Messias vai o de Cordeiro de Deus (v. 36), e ao lado de Rei de Israel vai o de Filho de Deus (v. 49). Cordeiro de Deus e Filho de Deus são títulos já apresentados na seção anterior (v. 29 e 34), e devem estar sendo repetidos na terceira parte de Jo 1,1-51 para ligá-la à segunda, onde haviam sido introduzidos. Uma vez que o título de Filho de Deus em Jo 1,34 refere-se ao

testemunho da identificação de Jesus como a encarnação do Verbo, o tema da encarnação transborda como fermento, e entorna sobre a tradição de Israel. Sim, porque, ao lado de Cordeiro de Deus, vai *Messias*, e, ao lado de Filho de Deus, vai *Rei de Israel*; e *Messias* e *Rei de Israel* são títulos relacionados à declaração de Felipe a Natanael: “encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré” (v. 45). Ora, o que está sendo dito, que vem de transbordar desde a figura do Filho de Deus como encarnação do Verbo, é a absoluta interligação de todos os títulos e de todas as expectativas tradicionais da fé judaica, incluídas aí especialmente as referências ao batizador, aos sacerdotes e levitas, e aos fariseus, todas elas *em* Jesus. Mas esse Jesus é Jesus, filho de José, de Nazaré, encarnação com nome, sobrenome e cidade natal.

Quem é Jesus? Jesus é filho de José, de Nazaré. Jesus é aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas, logo, é ele o Messias e o Rei de Israel. Jesus é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, e o é enquanto Filho de Deus, isto é, encarnação do Verbo, que, no princípio estava com Deus, mas, agora, fez-se carne, e habitou entre nós o Filho de Deus.

O que tem Jesus a dizer sobre isso? “Vinde e vede” (v. 39). “Segue-me” (v. 43), além de suas duas declarações, a Pedro e a Natanael. Do conteúdo dessa última, importa ressaltar aquela que constitui o arremate de Jo 1,1-51 e que, acredito, seja a confirmação do próprio Jesus de que se constitui a sua vida um fenômeno significativo: “vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (v. 51). Nela, Jesus apresenta-se como Filho do Homem, produzindo assim o dístico Filho de Deus – Filho do Homem (v. 34.49.51). Filho do Homem será o título da encarnação? Filho de Deus, o *Verbo* encarnado, Filho do Homem, a *encarnação* do Verbo? Se a declaração de Jesus a Natanael reporta-se programaticamente a Gn 28,10-19, é possível que sim, porque, se Jesus se coloca como o *lugar* sobre o qual a escada dos céus se desdobra, pela qual os anjos de Deus sobem e descem, então Jesus se apresenta a Natanael como *Casa de Deus* e como *Porta dos Céus*. Por quê? Porque ele é o “Filho Único, que está voltado para o seio do Pai” (v. 18), Pai esse a quem ninguém jamais viu, mas que agora é dado, pelo Filho Único, a conhecer. Como? Mediante a encarnação do Verbo em Jesus, filho de José, de Nazaré, o Filho do Homem.

### 5.3 Estrutura

À luz das observações feitas até aqui, poderia ser sugerida a seguinte estrutura para Jo 1,1-51:

#### I

Jo 1,1-18

**Jesus é o Verbo encarnado**

**João, o batizador é enviado para dar testemunho**

<b>A</b>	1,1-5	O Verbo pré-encarnado estava com Deus
<b>B</b>	1,6-13	João: testemunha do Verbo
<b>C</b>	1,14	“O Verbo se fez carne”
<b>B'</b>	1,15	João: testemunha do Verbo
<b>A'</b>	1,16-18	O Verbo encarnado dá a conhecer Deus

#### II

Jo 1,19-34

**Encarnado, Jesus é o Cordeiro de Deus e o Filho de Deus**

**João, o batizador, dá testemunho**

<b>A</b>	1,19-28	Quem é João?	
		<b>a</b> João, a voz que clama	1,19-23
		<b>b</b> João, o batizador	1,24-28
<b>B</b>	1,29-34	Quem é Jesus?	
		<b>a</b> Jesus, o Cordeiro de Deus	1,29-31
		<b>b</b> Jesus, o Filho de Deus	1,32-34

**III****Jo 1,35-51****Encarnado, Jesus é o Messias e o cumprimento das Escrituras****O testemunho de João, o batizador, frutifica**

<b>A</b>	1,35-42	André, Pedro e Jesus	
		<b>a</b> André e Jesus	1,35-39
		<b>b</b> Pedro e Jesus	1,40-42
<b>B</b>	1,43-51	Felipe, Natanael e Jesus	
		<b>a</b> Felipe e Jesus	1,43-44
		<b>b</b> Natanael e Jesus	1,45-51